

O pensar-com-Pessoa de Haquira Osakabe

Lilian Jacoto*

Haquira Osakabe. *Fernando Pessoa: resposta à decadência*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2013. 246 p.

“Antes de mais nada, fuja do lugar comum: aquele em que Fernando Pessoa aparece como o demolidor de mundos, da história, o cético, o cínico etc.” (p. 232). A frase pode aqui dar uma ideia do lugar ocupado por Haquira Osakabe na fortuna crítica do poeta, ao lado de vozes por ele rigorosamente escolhidas como influência e diálogo. *Fernando Pessoa: resposta à decadência* resume uma vida de investigação e docência em torno de uma obra que, apesar de sua infinitude a descobrir, sempre lhe acenou como um projeto magnânimo, historicamente situado, em que se dá a ver nitidamente uma diretriz, uma teleologia.

Contrariando a facilidade do olhar que se deixa perder no fragmentário, no labirinto sem saída, no “hegelianismo de algibeira” (p. 232) em que nada se afirma sem que se possa dizer sempre o contrário, ou mesmo na generalidade da blague, e na ilusão de que Fernando Pessoa teria criado um mundo à parte, desvinculado de seu tempo, Haquira ousa um olhar macroscópico para uma obra orgânica, e aponta, nela, um sentido geral messiânico que a tudo abarca, como resposta à aporia de um tempo que não encontrou para si melhor palavra que a Decadência.

Noutras mais diretas palavras, Haquira pertence ao grupo que leva Fernando Pessoa muito a sério, no reconhecimento do esforço dramático do poeta pela mudança de um paradigma que vai além do literário, ou inclui o literário numa dimensão que se estende à moral e à cultura.

Esse Pessoa-total é uma figura fáustica, angustiada pela alta missão de apontar uma via salvífica para a decadência que acometeu a Europa, e marcadamente Portugal, desde o fim dos oitocentos, com Schopenhauer, Baudelaire, Nietzsche e todos os artistas arrebatados pelo sentimento de derrota civilizacional. E para dimensionar a força dessa angústia como *Zeitgeist*, que, com Bernardo Soares, perdeu a crença tanto em Deus como na Humanidade, o crítico parte de uma aproximação entre o poeta da “Hora Absurda”¹ e Antero de Quental que, pela densidade reflexiva e vocação analítica, teria sido seu espelho e legado.

O exame atento do legado anterior como “irreduzível experiência da contradição” presente em textos das mais diversas naturezas, e com especial

* Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

¹ O poema, datado a 4 de julho de 1913, foi publicado pela primeira vez na revista *Exílio*, em abril de 1916 — época intermedia entre *Orpheu* (1915) e *Portugal Futurista* (1917).

atenção à epistolografia, culmina na constatação de que “O transcendentalismo tem de ser restaurado, de um feitio ou de outro”, sob pena de a humana criatura “cair numa soez mediocridade, senão a de uma maldade diabólica” (p. 70).

Entretanto o autor, demoradando-se no exame dessa herança, palmilhando em Antero uma ambição filosófica que melhor se realizara como poesia, não reservou, nesse estudo, um espaço merecido a Teixeira de Pascoaes, poeta-legado igualmente imbuído da missão de responder à Decadência e, num passo além de Antero, anunciador da via pagã como cura do Ocidente.

Pois que o grande projeto pessoano que se erige como resposta apontará, na leitura macroscópica de Haquira, dois caminhos ou eixos sucessivos: o neopaganismo (ou essência do projeto heteronímico) e a via alquímica, cuja expressão mais acabada se formula em *Mensagem*².

O exame do primeiro eixo traz à cena a poesia de Caeiro e o projeto filosófico de Antonio Mora, além de situar os principais heterônimos como actantes dessa busca salvífica. Nesse panorama deflagra-se, como centro propulsor da atividade poética e filosófica, a figura simbólica da Criança Divina, o “Menino Jesus verdadeiro” (paganizado) de Caeiro³, a ensinar um novo olhar para o mundo. Tratou-se de formular uma resposta à decadência por intermédio de anulação da dor. Um projeto que os próprios heterônimos levarão ao fracasso, restando disso um sujeito poético transformado, mas ainda *a caminho*.

O segundo eixo recupera o *ethos* sacrificial cristão, mas a serviço de um Paganismo Superior. A “*coterie* inexistente”⁴ dá lugar a uma ideia de Lusitânia renascida de seu próprio sofrimento. As etapas por que passa o sujeito reúnem o caminho simbólico rosacruceano à alquimia, e da aventura sacrificial (da dor que quer *passar além do Bojador*) renasce o Rei-Menino. Esse caminho é trilhado com o leitor pelos abismos da lírica ortônima, pelo *Fausto*⁵, onde melhor se projeta a figura prometeica do grande poeta, por fragmentos de maior densidade simbólica no *Livro do Desassossego*⁶, e no mar iniciático de *Mensagem*.

É possível ainda crer, pensando a partir do estudo de Haquira, que todo o caminho sempre fora alquímico, desde a dispersão subjetiva até a *coniunctio* de homem e Deus observável nos últimos escritos de Pessoa. Pelas transmutações que o obra opera em si, a ponto de anunciar a sua própria vinda, como profeta, de um

² A primeira publicação de *Mensagem* data de dezembro de 1934, pela Parceria António Maria Pereira.

³ Vide poema VIII de “O Guardador de Rebanhos”.

⁴ Expressão usada por Fernando Pessoa, na carta a Adolfo Casais Monteiro, datada de 13 de janeiro de 1935, para referir-se aos seus heterônimos.

⁵ Duílio Colombini, em Dezembro de 1986, ampliou para 231 os 90 extratos conhecidos da edição única de Eduardo Freitas da Costa, publicada em 1952.

⁶ A primeira edição do *Livro do Desassossego* data de 1982, com recolha e transcrição de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha, pela Editora Ática.

mundo ressignificado, surge mais claro o Pessoa gênio, além do humano: “Mais tributário a Nietzsche do que ele próprio admitiria” (p. 89)

Afinal, *Fernando Pessoa: resposta à decadência* é, ele mesmo, um manual de alquimia. Um convite ao enfrentamento do hermético em Pessoa. Nem por isso Haqira deixa de responder ao seu tempo, à sua comunidade de leitores: nomeia os pilares críticos do seu “pensar-com”, além de dar a conhecer, generosamente, os trabalhos de seus orientandos. Manuseia a obra pessoana com erudição, valendo-se de uma espécie de índice interno a nortear e ilustrar suas reflexões. Esse índice é fruto da verticalidade e paixão que marcaram as atividades do docente e pesquisador.

O trabalho de Haqira Osakabe *pensa com* o tempo, escapando ao comodismo de considerar pouco relevante a cadeia temporal numa obra infinita. O que ele vem a ensinar, através de Pessoa, é que o histórico só alcança sentido quando dotado de um aporte mí(s)tico. A busca de um sentido transcendente para o conjunto da obra, como resposta à Decadência, dá a medida da sua valentia crítica.